



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versam sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

Morte na moderna metrópole; Morrer sozinho e (in)visibilidade

Autoria: Jacqueline Lobo de Mesquita

Uma das características da vida na metrópole nos diz Zimmel é o efeito blasé, vivemos na modernidade uma aproximação, mas também um afastamento e um anonimato tamanho que em um prédio onde apartamentos medem menos de 26 metros, as moscas e o cheiro são alarme de uma morte. O abrir e fechar de portas de mais de 700 unidades habitacionais em um mesmo espaço de moradia permitiu esse anonimato ou foi a condição da vida privada que o fez? Fato ou desfato, sábado, descobriu-se pela manhã que aquele senhor alto esguio, estava morto. Chamaram os porteiros para descobrir como confirmar a morte do sujeito sem nome, porém com identidade. Localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro o prédio conta com aproximadamente dois mil moradores, dentre todas as chaves de análise possíveis de compreender as relações que ocorrem neste micro-cosmos da sociedade selecionamos a morte anônima de um morador para o foco deste artigo. Levi-Strauss ao estudar certas comunidades indígenas percebe que o castigo para determinados delitos é a morte social, o homem que faleceu não sofrera tal castigo, planejado, direcionado, e reflexo de um código, mas ele era um desconhecido. Seria possível então pensar que o anonimato da vida urbana cria espaços para a morte social. Temos como principal fonte metodológica a observação participante, e os relatos percebidos durante a semana pós- morte. É importante mencionar que em relação a metodologia, o meu posicionamento dentro deste campo, como moradora deste edifício tendo a ter uma relação muito próxima com as histórias que ocorrem e seus desdobramentos. Como escrever e descrever a morte de um ser humano, são tantas emoções envolvidas. “Tiveram que tirar ele pela janela, o corpo estava enorme, fazia eram dias que ele estava morto, o corpo tava dando dois do meu, você lembra dele?. Morrer sozinho, que triste” (Mulher, aproximadamente 60 anos que mora com uma cachorra) Sua questão girava sempre em torno do tamanho que o corpo tinha ficado e no fato dele ter falecido sozinho sem que ninguém notasse sua ausência. A fala desta moradora nos revela como o controle da vida dos outros resulta em uma falta de privacidade, mas o fato de não saber o nome e tampouco seus hábitos apresenta um outro lado sobre a ideia de ser observado e vigiar. Ser observado e observar supostamente o tempo todo e em todas as



situações produz um efeito que vai muito além do “Panóptico” de Foucault (1987). As experiências em um espaço de pouca privacidade e muito controle acabam produzindo comportamentos que refletem questões, e dentre estas questionar quais os significados de morrer sozinho na metrópole podem ter uma valiosa contribuição acadêmica dentro dos estudos sobre morte e etnografia.



Realização:



Apoio:



Organização:

